AS ACADÊMICAS'

IMPRESSO

INFORMATIVO CULTURAL

setembro/2017 - Ano 19 - N°236 Editora: Regina Menezes Loureiro

EDITORIAL CASA NOVA!

Como é bom encontrar um teto para abrigar a alma e descansar o corpo!

É um sonho que, envelhecido no sótão da vida, nos traz recordações frustradas e outras nem tanto! Mesmo num sábado de solidão, uma casa nova é sempre um sonho com girassóis em manhãs ensolaradas! A alma silenciosa, ora numa prece agradece, adocicada pelo perfume das orquídeas de um jardim qualquer.

No trapézio de um circo, cercado de janelas e sombras, iluminado por claridade de velas, arrumar pertences tem gosto de cereja de bolo confeitado. É alcançar com a mão o passado, arrumar cada detalhe do presente em seu devido lugar para alcançar o futuro que ainda virá.

A árvore de páginas desfolhadas, antes bela em flores de verão, ressurge em prateleiras completando o abismo de gavetas e prateleiras, agora habitado.

O tempo entra com todos os livros, todos os retratos amarelecidos. Sombras já sem luz que há tempo não se via mais, ressurgem das trevas em saudosas lembranças.

É voltar cansado da luta de uma vida normal, apreciar cada prateleira com os livros preferidos, acariciá-los, lendo de esguelha suas linhas em pensamentos que voam além da vida.

Quando chegam armários carregados e cuidadosamente protegidos por flanela ou papelões é a felicidade quem chega primeiro com eles.

É a hora de construir um lugar de encantos para abrigar sonhos e encontrar a paz. Para esquecer as lembranças sofridas e guardar as felicidades em seus devidos lugares.

Divinal silêncio das recordações!

Conseguir uma casa nova tem gosto de objetivos alcançados, de felicidades dos momentos vividos que perduraram por uma vida inteira.

Depois é o silêncio quem chega!

Chaves, parafusos recolhidos que foram usados por mãos habilidosas, agora vão para o lugar. Surge então um lugar limpo e organizado para quardar corações.

Como é bom ter um lugar para abrigar a alma e descansar o coração!

Regina Menezes Loureiro

Farei da vida uma diferença com pensamentos, diálogos e às vezes, nem tanto...

Remete: Regina M. Loureiro R.Chafic Murad,54/702, Bento Ferreira, Vitória, ES -Cep. 29050-660 – Tel.27)3207-2562/99224-2386 reginamenezesloureiro@gmail.com

www.reginaloureiro.com

AS FACES DO MURO

No lado escondido do muro,
os cristais dos olhos,
curtidos de orvalho,
fragmentavam o Sol.
Por que não me procuraste entre as raízes?
As mesmas pedras: Sol e sombra eterna...
E lá em cima, o mundo se equilibrava ao vento.

Josélias Neto – Vitória- ES em seu livro
VERDES VERSOS

TROVAS

Eu entrei para beber

ENFERMIDADE

Que diferença de outrora!
Seus olhos já não reluzem,
Pouca alegria produzem ...
Ontem, felizes, percorriam
Ruas, parques e jardins...
Hoje, tão cedo dormiam.
Sonhavam com serafins?
Talvez fossem pesadelos
Acordavam bruscamente...
E, a mamãe, aos desvelos,
Cuidava.

Ternamente.

Paulo de Paula em seu livro RETRATOPGRAFIAS para Bob e Junior

SONETO DE FIDELIDADE

Vinicius de Moraes

De tudo, ao meu amor serei atento antes E com tal zelo, e sempre, e tanto Que mesmo em face do maior encanto Dele se encante mais meu pensamento

Quero vivê-lo em cada vão momento E em seu louvor hei de espalhar meu canto E rir meu riso e derramar meu pranto

Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim quando mais tarde me procure

Quem sabe a morte, angústia de quem vive Quem sabe a solidão, fim de quem ama

> Eu possa lhe dizer do amor (que tive): Que não seja imortal, posto que é chama Mas que seja infinito enquanto dure.

FAZER POEMAS

Como fazer poemas?
Juntar de tudo um pouco
De tudo e nada.
Espremer da memória
Do coração e da teimosia
Palavras abstratas.
Harmonizar ritmos e signos.

Retirar sinfonias, subjetividades e tristezas. Deixar colorir o papel de dores, de natureza e de amores.

Rasgar tudo o que escrever.
Abater-se e compreender que
não sabe abrir o coração que
a solidão de sua vida
está também na folha
branca do papel.

Ester A.V. de Oliveira-Vitória-ES

O SILÊNCIO QUE ABRANDA

o barulho da solidão letal Feito brasa que consome Amanhecidas noites sem luar Dispersa o brilho d'alma Em universos vendavais

Ah, quem dera um dia ser
As flores do caminho
Em primaveras alegres
Sob o sol de Setembro
Bradando a mais pura felicidade
Da vida fatal
Que nos consome
Todos os dias em silêncio

Adão Wons / <u>wonster@gmail.com</u> Adão é editor do FANZINE COTIPORÃ CULTURAL

QUANDO O PENEDO FALAVA

Havia um tempo em que ouvia-se a melodia de um búzio encantado no silencio das ondas, na calma da brisa. Quando o instrumento soberbo de um príncipe que vivia em um palácio oculto no Penedo soava, o rochedo fendia-se, talhado por um raio ou uma espada de um Titã.de vez em quando, o príncipe saía do Penedo e caminhava sobre as ondas para a praia irritada. Ao longo dos séculos, o príncipe, enclausurado no coração da rocha, assistiu a todos os triunfos e todas as derrotas da Terra Capixaba. O vulto formoso e corajoso conheceu assim as tribos de índios selvagens da floresta, viu a chegada das naus lusitanas querendo explorar e assistiu à trucidação dos silvícolas. Vivenciou também a escravidão dos africanos e a categuização pelos jesuítas. Durante todos os acontecimentos, o príncipe implorava aos deuses que protegessem a Terra do Espírito Santo.

Uma noite, depois da melodia do búzio encantado, o príncipe foi visto por um ser homem e sumiu nos anfractos do penedo.

Thomas Kipper Pires, Wasagasse BG9 (Viena), 15 anos- participante do Concurso Literário Maria Stella de Novaes, promovido AFESLprogramação IV Feira Literária Capixaba-FLICES/17

Sempre dormi nas transversais do poente, para vaguear, bandolinando os sonhos; e acender o arrebol na voz dos pássaros.

Aprendendo a beber o luar nas rosas, as manhãs me acordavam voando garças; e eu me sentia o sol na asa dos ventos.

Quando uma borboleta voa no poente, rascunhando, no vento, a dor da tarde; o sol se inventa em roda de dormir.

Nesse mar que a memória murmureja, fui, apenas, afluente das lembranças; ouvindo o ocaso enriquecer as sombras.

Quando meu olho esquerdo se acrisola, ouço as flautas do azul de minha infância pendurando o luar numa jangada.

Berredo de Menezes – em seu livro FLAUTA SONHÂMBULA (em memória)